

CUIDANDO DAS RELAÇÕES FAMILIARES E COMUNITÁRIAS: NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO INSTITUTO NOOS

EMERSON F. RASERA*

*Universidade Federal de
Uberlândia, Brasil*

Pouco se tem escrito sobre a história da terapia familiar no Brasil e a difusão do construcionismo social. Buscando registrar alguns momentos dessa história, o objetivo desse texto é resgatar narrativas sobre a construção do Instituto Noos, no Rio de Janeiro, suas atividades de ensino, de serviços a comunidade, e o papel do construcionismo social em sua proposta teórica e metodológica. Ele é resultado de uma entrevista com Carlos Eduardo Zuma e Jorge Bergallo - fundadores do Instituto Noos, juntamente com Helena Julia Monte e André Rego - na qual são apresentados relatos sobre a trajetória desses profissionais, a motivação para a criação do instituto, suas influências teóricas e momentos marcantes da sua história, a publicação da revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, as contribuições e críticas ao construcionismo, e os cuidados com o futuro do instituto.

Emerson: Meus caros, a ideia é conversarmos sobre a trajetória de vocês e o Noos. Para começar, eu gostaria que vocês me contassem o que é o Noos, como ele começou, por que vocês fundaram o Noos.

Carlos: Nós somos da mesma turma de formação do Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro (ITF-RJ), de 1988.

Jorge: Quando começamos a conversar sobre os trabalhos de conclusão de curso, foi aí que nós quatro nos juntamos - Carlos, Helena, André e eu - já que estávamos interessados num mesmo tema, que era entender quais eram as repercussões clínicas dos conceitos vindos da cibernética de segunda ordem, do construtivismo, que estavam chegando ao campo da terapia de família naquele momento.

Carlos: Regularmente, toda segunda-feira à noite, nos encontrávamos para estudar. Quando chegamos ao final do curso, tínhamos o trabalho pronto e também a vontade de nos formalizarmos como instituição. E, em 1992, tinha tido no Rio a Eco 92 e aquela feira de ONGs paralela, e eu fui, passei um dia inteiro indo de barraca em barraca, e saí de lá com duas sacolas de panfletos de ONGs. Essa era uma coisa que eu tinha curiosidade, tinha vontade, um desejo de ter algum tipo de participação social.

Emerson: Esse trabalho de curso rendeu (risos)! Mas como transformou, como foi querer montar uma instituição? Como que se criou isso? A partir de que momento teve essa mudança?

Jorge: Eu tenho uma leitura afetiva sobre essa transformação. Nós nos encontrávamos, líamos e estudávamos muito, gravando as nossas conversas. E na nossa formação atendíamos em dupla, com um aluno no campo com a família e a sua dupla e o restante da equipe atrás do espelho uni direcional, junto com a supervisora. Um momento teve particular importância nesse processo. Em uma determinada sessão de um atendimento - naquela época a gente atendia no mo-

* Apoio:
CAPES/CNPQ/FAPEMIG

delo de Milão -, quando o Carlos, que estava atuando como terapeuta de campo, saiu para ouvir a equipe, a conversa não conseguia produzir nenhuma ideia minimamente compartilhada que o Carlos pudesse levar de volta para a continuidade da sessão com a família. Cada um apontava para uma direção. Aí foi que um de nós perguntou: por que não entramos lá, conversamos na frente da família, cada um apresentando seu ponto de vista? E isso foi um marco porque nós nunca tínhamos ouvido falar em Tom Andersen. Pouco tempo depois, a Teresa Cristina, que era a supervisora da equipe, foi a um congresso nos Estados Unidos, em 1991, e trouxe um livro do Tom Andersen, que tinha acabado de ser lançado. Ela voltou empolgada ao perceber que a experiência de atendimento que havíamos vivenciado combinava com o que o Tom Andersen tinha escrito sobre equipe reflexiva. Isso foi uma coisa muito forte para todos nós já que o tempo todo, a gente era muito exigente com a coerência desses conceitos que inspiravam nossa prática. Esse exercício constante de associar rigor conceitual e coerência com nossa prática clínica criou uma afinidade muito grande entre nós. Eu acho que por essa afinidade é que a gente terminou a formação, continuamos atendendo juntos e nos constituímos, em seguida, como uma equipe de consultoria clínica. E eu acho que foi nessa época que o Carlos veio com a ideia de levarmos essa visão sistêmica para além dos consultórios. Acho que o Carlos foi o grande catalisador e veio com a proposta e isso fez muito sentido. Queríamos estar juntos, continuar juntos.

Carlos: Mais do que qualquer outra coisa, o que tinha era um desejo de permanecermos conectados. E acho que, por diferentes caminhos, desenvolvemos uma preocupação social. Eu, pelo menos, tinha tido uma vivência política durante a faculdade – lembrando que a minha época de faculdade foi no finalzinho da ditadura militar no Brasil. Eu participei de partido clandestino, nada muito elaborado, não peguei em armas, nada disso. O máximo que fiz foi colar cartazes contra a ditadura em Santa Teresa, onde eu morava, e fugir da polícia quando ela aparecia para reprimir a colagem. Mas eu tinha essa preocupação, essa motivação de uma mudança política, de uma mudança social. O que era forte naquela época, era a psicanálise, mas eu tinha uma crítica. Ao mesmo tempo que eu estudava muito psicanálise, fazia formação psicanalítica e me submetia à psicanálise, tinha uma crítica muito grande, pois achava que a psicanálise fortalecia muito uma questão individualista e aquilo não me satisfazia. E também por ter trabalhado muito tempo com pacientes graves. Aos 18 anos, comecei um estágio em um hospital psiquiátrico. Depois montei um grupo de acompanhamento domiciliar para pacientes graves. Durante oito anos, eu fiz esse trabalho de acompanhar pacientes graves na casa deles. Foi aí que eu comecei a me interessar por essa área da família. Quando, já formado, fui trabalhar num hospital psiquiátrico, onde o André era diretor clínico, essas coisas ficaram mais flagrantes ainda, porque era um hospital que tinha parceria com o SUS. Eram 200 mulheres internadas e eu, o único psicólogo. Eu me lembro de uma vez que o André me chamou porque ele estava atendendo uma senhora que estava muito deprimida e ela não conseguia associar seu estado aos fatos graves que tinham acontecido na vida dela. Ela tinha perdido um filho e o marido, em um intervalo de meses, morava numa favela, num barraco, ficou com uma filha só, que era mãe solteira e morava junto com ela e com o neto. Lá pelas tantas, conversando com ela, André pergunta: “Dona Fulana, e a pobreza?” Ela virou para ele e falou “Meu filho, sempre que eu posso, eu ajudo essas pessoas.” Foi uma experiência muito impactante: “Como é

que ela não se via como pobre, ela não se via nessa condição, ela não se colocava assim, ela não atribuía à situação de pobreza, nem parte do sofrimento que ela estava vivendo?” Aquilo foi muito forte. Então, ter contato com a teoria sistêmica - me lembro de quando comecei a ler *O Ponto de Mutação* do Capra - foi um deslumbramento, uma abertura de perspectivas muito grande. Eu pensei: “Está aqui a resposta para o que eu procuro há tanto tempo, em que posso me basear para entender essa complexidade toda: que temos uma vida interior, uma vida relacional e uma vida sociopolítica também, e que é difícil delimitar fronteiras entre elas.” Como é que a gente pode ter uma leitura que englobe tudo isso e que gere sentido de alguma maneira? Foi muito por aí.

Emerson: Jorge, o Carlos contou um pouco da trajetória profissional dele e como isso tinha a ver com a formação e como isso estava sustentando um pouco a história de criação do Noos. Para você, como é que foi ir para a formação em terapia familiar, o que você estava buscando, o que te motivava?

Jorge: Minha trajetória profissional foi pouco convencional. Eu tinha uma formação anterior em Engenharia, tendo trabalhado nessa área por seis anos. Mas o fato é que o que estava fazendo na Engenharia não era suficiente. Na busca de alternativas para essa insatisfação, me veio como importante referência uma experiência vivida durante a adolescência e até os 20 anos de idade, quando participei como coordenador de colônias de férias para crianças. Lembro-me de alguns coordenadores que faziam questão de escolher seu grupo de crianças de forma a ficar com os mais destacados, os com maiores habilidades esportivas. Eu não tinha essa questão. Achava legal e desafiador encontrar formas de incluir os “menos enturmados”. Outra referência que se colocou de forma clara nessa busca foi ter percebido que muitas leituras que me interessavam eram exatamente da área da Psicologia. Assim, oito anos depois de ter ingressado na Engenharia, retornava à Universidade para ingressar no curso de Psicologia. Seguindo esse desejo de me reaproximar da experiência enriquecedora e prazerosa das colônias de férias, fiz meu estágio na área clínica, participando de uma equipe para atendimentos de crianças. Depois de formado, já atendendo em consultório, tive uma experiência que me proporcionou uma nova e importante guinada. Na época, eu estava atendendo um adolescente de 13 anos. Num determinado dia, ele chegou e disse: “Olha, eu venho aqui, converso muitas coisas com você, muita coisa eu acho legal, outras eu não entendo muito bem, mas alguma coisa está acontecendo comigo e eu acho legal o que está acontecendo. Mas, lá em casa, tudo continua igual”. E logo em seguida, a mãe vem e retira o garoto da terapia. Foi uma coisa frustrante porque, de ambas as partes, a gente avaliava que era um processo que estava bacana. Movido por essa frustração, pensei naquele momento: “Ou vou trabalhar só com adulto, que o desejo é só dele e ele vai decidir a hora de entrar e sair da terapia, ou vou trabalhar com a família”. Nessa época, entrei na primeira turma de formação do ITF em 1988, buscando justamente ampliar esse olhar para a família e para a questão do contexto social. O que me aproximava da questão social não era tanto o viés político; para mim, isso se colocava mais pela minha formação religiosa. Foram seus valores, além dos familiares, que me levaram a ter, a partir dos 16 anos, experiências riquíssimas como a de ler para cegos, dar aula na Favela da Rocinha, experiências que me permitiram vivenciar histórias incríveis de transformação. O Carlos falou do deslumbramento com a visão sistêmica, e eu concordo. Acho que teve um deslumbramento e também uma vivência muito libertária, muito

ampliadora. Eu tinha certo receio da situação: as mães traziam os seus filhos para terapia individual comigo, e depois de algumas sessões, a minha avaliação era de que não devia trabalhar com a criança, mas com a família. Eu pensava: “Vou morrer de fome, eles estão pedindo uma coisa e eu vou oferecer outra.” Mas é aquela história, quando a gente começa a ver a potência, quando você começa a acreditar e a se apaixonar por uma prática que reconhece como transformadora, aquilo contagia as pessoas que estão envolvidas naquele processo. Assim, ao contrário do que imaginei, fui tendo retorno positivo dos pais que não só concordavam com a indicação da terapia de família, como viam nela uma possibilidade de ajudar seus filhos e a si mesmos nas mudanças necessárias.

Carlos: Teve uma coisa que, ainda desse período, que eu acho que precipitou um pouco tudo, que foi a revista *Nova Perspectiva Sistêmica*. A revista foi uma ideia da Gladis, que era uma das fundadoras do ITF. Eu comecei a trabalhar na produção da revista a partir do seu terceiro número, auxiliando a Lia Carvalho, a produtora da revista na época. Quando nos formamos no ITF, a revista estava para ser encerrada. Foi quando falamos: “Não, nós queremos levar esse projeto adiante, a revista é super importante”*. Passar a produzir a revista, de alguma maneira, fez com que a gente precipitasse um pouco a formalização da instituição.

Emerson: Quantas coisas vão acontecendo para motivar a criação desse Instituto! Se vocês fossem destacar, eu sei que são 20 anos, os principais momentos da história do Noos, que momentos seriam esses?

Jorge: Não sei se conseguiria destacar momentos específicos. Tenho convicção de que se hoje o Noos completa 20 anos, não se deve a nós quatro, mas ao fato de várias pessoas terem se juntado a nós ao longo desse período. Tenho a lembrança clara da importância do momento em que a gente ampliou essa discussão sobre o destino do Noos, seus rumos, execução e gestão, com as outras pessoas que faziam parte do instituto. Então, pra mim, é muito claro que, além do papel aglutinador e empreendedor desempenhado pelo Carlos, que esteve o tempo todo à frente da instituição como Secretário Executivo, o crescimento e fortalecimento do Noos não teria sido possível sem a chegada dessas outras pessoas.

Emerson: Para eu entender esse momento, quando isso aconteceu?

Carlos: Eu destacaria como um marco, quando a gente lançou o livro da Rosana Rapizo, em 1996. Para nós foi um marco em vários sentidos: é quando saímos de um só produto, a revista, e passamos para a publicação de um livro, como também a forma como fizemos. A Rosana tinha terminado o mestrado, tinha vontade de publicar o livro e não tinha recurso. Nós tínhamos vontade de publicar o livro da Rosana, tínhamos conhecimento editorial, mas não tínhamos recurso. Resolvemos fazer uma venda antecipada do livro, ou seja, a famosa vaquinha, o atual *crowdfunding*. Outro marco foi quando mudamos para a casa da Rua Martins Ferreira, em 1997. Eu acho que isso fez uma grande diferença, porque até então nós não tínhamos consultório juntos, no mesmo local. A primeira sede do Noos foi um apartamento vazio do pai do André, que ocupamos. Depois, eu aluguei um consultório no centro da cidade que também era sede do Noos. E, finalmente, alugamos essa casa onde nós quatro fomos trabalhar. Foi um marco porque reuniu, nos colocou fisicamente juntos num mesmo espaço e atraiu outras pessoas para um espaço próprio. Nesse momento, também decidimos trabalhar com questões de gênero e isso foi um marco para o Noos. O trabalho com os homens que começamos a fazer trouxe um diferencial muito grande, chamou muito a atenção para

* Antes do Noos, nós quatro éramos conhecidos no ITF como o grupo Gaia. Na verdade, o Noos ia se chamar Gaia, mas entre a formação do grupo e a formalização da instituição foram dois anos, mais ou menos. Quando chegamos na época da formalização, esse nome, Gaia, que era tão desconhecido até então, já nomeava botequim, livraria, tapeçaria, enfim, tudo que você possa imaginar. Foi aí que nós trocamos. Durante esse tempo, nós éramos conhecidos como grupo Gaia e tínhamos essa página de humor na revista, que assinávamos como Gaiatos, os atos do grupo Gaia.

o Noos. Foi quando conseguimos o primeiro financiamento governamental, pelo Ministério da Justiça, a partir desse trabalho com os homens autores de violência, acho que esse foi um marco também bem interessante. E um outro marco foi um convênio com a Fundação para a Infância e Adolescência. Foi uma experiência enorme, em primeiro lugar, pois fomos responsáveis pela abertura dos núcleos especializados de atenção a crianças e adolescentes no Estado, para dar apoio técnico aos Conselhos Tutelares nos casos de violência contra crianças e adolescentes, em especial, nos casos de abuso sexual. Foi um projeto que preparou o Noos para ações de maior complexidade em termos de execução de projetos. Esses são os marcos que me recordo agora. E depois, eu acho que foi a minha entrada para a Ashoka, quando eu fui selecionado como Empreendedor Social pela Ashoka, que é uma organização internacional, muito reconhecida no meio do terceiro setor, e ter passado por essa seleção abriu muitas portas, muitas portas mesmo, e acho que foi um diferencial. E também tem o 123Alô!, um projeto que implementamos em 2009 e que trouxe muita visibilidade ao Noos, que é um serviço de interação direta com crianças e adolescentes por meio de telefone, email ou chat, uma ferramenta para viabilizar o exercício do direito das crianças e adolescentes de serem escutadas e de terem participação, direitos previstos na Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças. Esse serviço existe em 143 países e fomos convidados a integrar a rede internacional que congrega esses serviços em todo o mundo, que é a Child Helpline International.

Jorge: Eu me lembro de um momento bem lá atrás, em 1998, em que fomos convidados a dar uma formação de três anos em terapia de família fora do Rio, em Macaé. Um sábado por mês, a gente viajava 400 km para dar aula lá. Foram 30 idas para Macaé que proporcionaram uma vivência de equipe muito forte. Tem um artigo que escrevi com a Rosana Rapizo*, em que a gente cita essa experiência de três anos e toda essa vivência do processo reflexivo na constituição da equipe e na constituição da própria formação em si. Paralelamente, um ano depois de termos iniciado a formação em Macaé, fomos convidados a participar de uma formação em Campinas. Foi um momento muito bacana e importante para o exercício da coerência da nossa metodologia e para nossa interação.

Emerson: E nessa formação que vocês faziam tanto em Macaé quanto em Campinas, os quatro fundadores estavam envolvidos?

Carlos: Nós quatro mais Rosana Rapizo e Eloisa Rosas, a Lita, e também já tinha toda essa mistura do ITF. Dávamos aulas no ITF e Rosana e a Lita participavam dos cursos do Noos. A gente só não dava formação aqui no Rio, esse era o trato com o ITF.

Emerson: Acho interessante você trazer essa história, porque eu queria saber, como é que nessa história do Noos surge a questão da formação? Porque o Noos também é um instituto de formação.

Carlos: Ele é desde que começamos a dar formação em Macaé e Campinas, com esse trato com o ITF. Como nós éramos professores do ITF, nós não dávamos formação no Rio de Janeiro. Depois o ITF acabou, Rosana e Lita abriram o Multiversa, dando continuidade ao ITF. Ainda durante o Multiversa, a formação veio para o Noos, começou sendo Noos e Multiversa, e desde 2010, com o término do Multiversa, é só Noos.

Emerson: Em termos dos objetivos do Noos, qual é a missão, como eu consigo entender todas essas atividades dentro do Noos?

* Bergallo, J. & Rapizo, R. (2007). Tão longe, tão próximo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29, 19-31

Carlos: A gente tem uma missão formal que está ligada à disseminação da visão sistêmica, porque essa foi a motivação inicial maior. Por isso, as publicações, os eventos e os cursos. Com o tempo, começamos a falar mais de conflitos relacionais, principalmente depois que iniciamos o trabalho com o tema da violência. Então, hoje, a missão do Noos é a de contribuir para a promoção da saúde das relações familiares e comunitárias da população brasileira, através da difusão de práticas sociais sistêmicas a partir dos resultados obtidos em seu centro de ensino, pesquisa e atendimento. Hoje, quando as pessoas perguntam o que é o Noos, eu explico dessa maneira: o nosso foco maior são os conflitos relacionais na família e na comunidade, as metodologias ou práticas sociais que se pode utilizar para resolver esses conflitos de forma pacífica, a disseminação dessas metodologias e a mobilização para que elas sejam inseridas nas políticas públicas e disponibilizadas à população. Essa é a nossa motivação, a de encontrar metodologias que estejam alinhadas com os valores de participação, colaboração, co-construção, cooperação; encontrar metodologias que atendam esses valores e que ajudem as pessoas a dissolverem seus conflitos. E fazer com que essas metodologias fiquem ao alcance da população, sendo integradas nas políticas públicas. Um exemplo é o trabalho com os homens autores de violência contra a mulher. Nosso trabalho de atenção a esses homens teve influência na formulação da Lei Maria da Penha. Não fomos os únicos, algumas feministas já tinham essa visão sobre a importância de engajar os homens no movimento pelo fim da violência contra as mulheres, mas nós fomos pioneiros no Brasil em propor o trabalho com homens autores de violência em grupos reflexivos de gênero.

Emerson: Esse é um exemplo interessante do que é criar metodologias e elas influenciarem na política pública. Nesse sentido, fazendo uma avaliação do trabalho do Noos, quais são as maiores críticas e os maiores elogios que o Noos tem recebido?

Carlos: Os elogios que recebemos têm muito a ver com a qualidade do nosso trabalho. Em especial, o fato de termos registros de tudo o que fazemos e também de mantermos avaliações das nossas atividades. Para isso tivemos a sorte de integrar à equipe uma consultora de metodologia de pesquisa, a Marina Teixeira, que cuida dessa parte com extremo zelo e que hoje integra o nosso Conselho Gestor. Críticas, acho que a que mais me toca, talvez, seja a de que não temos uma perspectiva ligada à questão do poder. Quando começamos a trabalhar com os homens autores de violência, a crítica que recebemos das feministas mais radicais era que estávamos querendo passar a mão na cabeça dos homens; como se faltasse uma leitura de poder em relação a esse desequilíbrio entre homens e mulheres. Temos uma outra leitura de poder, não essa leitura de que o homem tem poder historicamente apenas. Temos uma leitura relacional. Pois, se não for assim, vamos acabar reproduzindo essa relação hegemônica nos casos que atendemos. Outra crítica que me afeta é ao fato de trabalharmos com famílias também, pois no Brasil, eu sinto, há uma visão de família como sendo aquela célula reprodutora da burguesia, com uma visão muito marxista de família, não incorporando as diferentes configurações que a família pode ter.

Emerson: As pessoas que fazem essa crítica com relação ao trabalho com a família, no seu entendimento, o melhor, ou o mais adequado, mais apropriado, seria trabalhar com quem?

Carlos: Com o indivíduo, pois o indivíduo precisa se libertar da família, precisa sobreviver à família, como se o ideal fosse que as pessoas pudessem prescindir das suas famílias - estou exagerando um pouco, mas é assim que eu percebo - de que a família é somente uma fonte de problemas, de repressão. Não sei se faz sentido?

Emerson: Faz, acho que são duas críticas que são quase epistemológicas, seja sobre o objeto da intervenção, o público-alvo, esse modo preferido de atuação, até a leitura que vocês fazem sobre como se dão as relações nesse contexto. São críticas amplas que atravessam a própria leitura de mundo que vocês têm, que vem de uma perspectiva sistêmica, buscando o relacional.

Jorge: Em relação aos elogios, acho que a gente tem reconhecimentos que passam muito pelos relatos dos próprios usuários. O que a gente ouve são elogios que correspondem a esses princípios nossos, que são os princípios construcionistas, sistêmicos, que falam do respeito pela construção da realidade com o outro, do acolhimento, da inclusão, de uma postura colaborativa, de um não julgamento, de um interesse e uma busca pelo entendimento, pelo diálogo. A maior parte dos elogios que eu ouço é referenciada a essa base epistemológica, teórica. São elogios bacanas, de histórias muito bonitas de serem ouvidas. Quando eu penso nas críticas, eu ouço muito assim: é como se o que a gente fizesse fosse pouco, a gente deveria fazer mais, atender mais - eu não sei se é uma crítica, ou é mais um desejo, uma expectativa, uma cobrança. Outra crítica que também aparece diz respeito ao processo de tomada de decisão que nem sempre consegue ser tão democrático quanto o desejado. É sempre um desafio garantir que todos tenham acesso a essas informações e que haja espaço para que as pessoas participem da tomada de decisões, especialmente se considerarmos o número de pessoas que hoje trabalham no Noos e a diversidade de vínculos dessas pessoas com a instituição.

Carlos: Acho que um dado importante é que a gente tem cerca de 35 pessoas trabalhando voluntariamente no Noos, e são pessoas com formação, são pessoas que tem uma especialização, que passaram aqui pela formação em terapia de família ou em terapia comunitária, algum curso no Noos, e que ficaram ligadas à instituição. Acho que não reuniríamos tantas pessoas, durante tanto tempo numa instituição, se não tivéssemos certa coerência entre o que a gente fala e o que a gente faz.

Jorge: No final de 2011, realizamos um simpósio interno sobre o futuro do Noos e a gente conversou sobre isso: o que fazia com que essas pessoas, já formadas, com seus consultórios, com suas práticas fora daqui, ainda continuassem no Noos, em um trabalho voluntário? E aí aparecia como respostas a confiança no trabalho realizado, a identificação com os valores, a coerência, e o pertencimento a uma instituição.

Emerson: Vou querer perguntar sobre o futuro do Noos, mas antes eu queria trazer o tema do construcionismo. Que lugar o construcionismo tem no Noos? Como que vocês entendem a presença do construcionismo no Noos?

Carlos: Não sei se paradoxal é a palavra, mas vai um pouco por aí: ao mesmo tempo que o construcionismo fundamenta, é a referência que utilizamos para as nossas práticas, para a condução dos cursos e até mesmo para dar sentido a nossa existência como uma organização da sociedade civil, temos buscado também levar essa perspectiva para a gestão da instituição, e não tem sido fácil, é o nosso maior desafio. Nesse sentido, o construcionismo é muito bem recebido no Noos, está incorporado, nomeou muita coisa que já praticávamos, mas tratamos tam-

bém de não nos tornarmos aficionados. Então, por enquanto, ele está servindo, nos é útil. Queremos manter uma visão crítica, então, é um pouco por aí, vamos balançar esse negócio para ver se ele se sustenta. Minha visão é: olha, ele é útil, ele é coerente com o que a gente pensa, mas nós não estamos à serviço dele, ele é que tem que nos servir de alguma maneira.

Emerson: Eu fico curioso para saber em que sentido ele tem sido útil, e acho interessante você levantar as críticas ao construcionismo. Em quê vocês acham que o construcionismo está sendo importante, está contribuindo? Até onde ele não está? Não sei se vocês já pensaram sobre isso, não sei como é que vocês estão, nas conversas entre vocês, se posicionando, se já há uma clareza.

Jorge: O construcionismo está muito presente na formação da terapia de família. Mas, como o Carlos apontou, sempre tivemos uma irreverência, uma postura crítica em relação àquilo que está sendo trazido como verdade. No nosso percurso, vimos muito de perto a chegada do construtivismo, da cibernética de segunda ordem e de todos esses conceitos, na terapia de família. Foi uma mudança muito grande, a história da participação do observador, da construção da realidade. Acho que nós tivemos uma vivência muito forte dessas ideias que são caras ao construcionismo. As vezes em que o Tom Andersen veio para o Brasil, trazido por nós ou pelo ITF, a nossa convivência com ele e com o Marcelo Pakman – pessoas que foram e são referência para nós – possibilitaram que, ao longo desse tempo, fossemos aferindo o quanto, de fato, construíamos junto com o outro aquela conversa, aquela reflexão, aquele conhecimento. A vivência construcionista vem antes, ela talvez seja anterior a essa nomeação. É um exercício nosso o de pensar nas contribuições trazidas pelo construcionismo e as suas consequências nas nossas atividades. São ideias riquíssimas e simples ao mesmo tempo, com implicações contundentes. Acho que a dificuldade, o grande desafio, é o de vivê-las realmente na prática.

Emerson: O convite construcionista é pensar que a realidade que a gente vive é construída. Então, que a gente pense nossa relação com o construcionismo, acho que isso é fundamental sempre. E que a gente possa produzir sim, respostas brasileiras, respostas localizadas, respostas situadas. Acho que a crítica ao construcionismo, ao “ismo”, parece que está virando o tom do momento das conversas no Brasil. No Taos*, também há uma grande discussão sobre isso: o Gergen escreveu um texto sobre por que ele não era construcionista (risos). Mas até para entender esse funcionamento na história da difusão do pensamento construcionista, porque está tendo esse momento, porque a gente está precisando falar que não é, e por que a gente está querendo criticar, que é isso? Como é que a gente recebe isso, se há uma certa idolatria, repetição, porque isso tá acontecendo? Qual a nossa participação nesse processo? Muitas leituras que vocês fazem, eu compartilho, e elas me motivam a querer produzir novas leituras. Eu acho que a gente precisa do sotaque brasileiro nessas conversas construcionistas e acho que isso a gente ainda precisa desenvolver, a gente lê muitos autores, mas a gente não produz respostas com o nosso sotaque. Acho que a reflexão e crítica é convidada pelo próprio construcionismo e eu estou ansioso para ouvir essas respostas que nós, brasileiros, vamos dar a essas questões.

Carlos: Eu tenho uma coisa assim também, primeiro, eu não tenho grandes leituras do construcionismo. Na verdade, para estar à frente do Noos, eu tive que abrir mão de determinadas coisas, então abri mão de dar aulas, abri

* Taos Institute- organização internacional presidida por Kenneth Gergen, voltada à difusão das ideias construcionistas sociais.

um pouco mão do consultório. Então, procuro me cercar de pessoas que estejam estudando, que estejam na academia, para suprir também essa outra parte que eu acho importante, mas eu sou iminentemente um prático que tem que transformar essas coisas em realidade transmissível. Ou seja, a prática que desenvolvemos aqui no Noos tem a pretensão de querer se espalhar pelo Brasil. O que a gente encontra no Rio de Janeiro e São Paulo absolutamente não tem nada a ver com a realidade brasileira, o que a gente encontra nas pequenas cidades, que são 80% das cidades brasileiras, é de uma pobreza impressionante, em termos técnicos. Em algumas situações, quando se coloca o construcionismo nas práticas sociais tem uma certa exigência, a de trabalhar em dupla ou em equipe, por exemplo, que fica completamente inviável para outras realidades. Então, tem esse desafio: como é que podemos aproveitar toda essa potência do construcionismo, toda essa abertura? É aproveitar essa vivência que temos em vários depoimentos, tanto de alunos quanto de beneficiários - “Isso não serviu só para minha prática de trabalho, serviu para minha vida”, “Isso não serviu só para essa questão que eu vim buscar, isso mudou a minha vida como um todo”. Ao mesmo tempo, tem essa contradição de que só é possível numa realidade como essa aqui, quando as pessoas estão trabalhando de graça. Como podemos transformar isso para que seja aproveitado nas pequenas cidades? Mantendo o exemplo, trabalhar em equipe, trabalhar em dupla não parece ser muito viável para essa realidade. Como é que fazemos essas metodologias serem algo multiplicável é um desafio.

Emerson: Última pergunta: futuro do Noos. O que vocês pensam, o que planejam, o que desejam, como veem o futuro do Noos?

Carlos: Nesse momento, estamos vivendo a abertura da filial do Noos em São Paulo, com Helena Maffei Cruz à frente. É uma ousadia, mas o aceitar desafios faz parte do nosso estilo! Mas o que quero para o Noos é que ele sobreviva a mim, a nós. Primeiro que sobreviva, depois que ele sobreviva a nós.

Jorge: Mais recentemente, temos conversado sobre a importância de levarmos essas ideias construcionistas, sistêmicas, aos jovens, aproximando-os do Noos. Acreditamos na riqueza e na importância dessa troca com os jovens, com sua curiosidade, seu entusiasmo, sua diferença. Novos olhares, novas ideias, quem sabe, novos projetos?

Emerson: Esse desejo de trabalhar com os jovens, qual a motivação dele?

Carlos: Perceber que estamos envelhecendo e o Noos não está se renovando. Como a gente renova a instituição, como preparamos uma sucessão, como damos continuidade à renovação de lideranças? Precisa atingir os jovens. Vejo os jovens que vêm trabalhar no Noos ou que vêm estagiar, o entusiasmo que eles ficam depois de passar aqui. Então, acho que temos a contribuir para a formação dessas pessoas e acho que eles podem contribuir para dar continuidade aos projetos.

Jorge: Vi uma entrevista, há mais de 2 anos do Bernardo Paz, idealizador do Instituto Inhotim, com a Marília Gabriela, e ele falava da importância da beleza como promotora de um salto de qualidade na vida das pessoas. Eu acho que essa nossa postura construcionista, sistêmica, tem uma estética, um acreditar, que dialoga com essa beleza. Acho que atingir o público jovem é trazê-los para compartilhar isso, com o desejo e a esperança de que eles possam multiplicar lá fora. Temos esse desejo, em termos do futuro do Noos.

Emerson: Meus caros, gostei de saber um pouco mais das trajetórias de vocês e do Noos. Saber mais detalhes da história é inspirador! Acho que à medida que registra essa história inspira outras pessoas. Talvez leitores dessa entrevista possam ser parte desses jovens que vão se juntar e fazer crescer, ampliando esse compromisso com a esperança, com a renovação, com a transformação, com a vida boa para todas as pessoas. Agradeço a disponibilidade de vocês

Carlos/Jorge: Nós que agradecemos.